



COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; G. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Visões de Haschich*, por Eugenio de Castro;—*Rediviva*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*Uma*

viagem na Hespanha, (conclusão), por Pinheiro Chagas;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*A adúltera*, conto, por Duarte Cid;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (*Pas-satempos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*No mar*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Real Theatro de S. Carlos*;—*Maria Eugenia dos Santos*;—*Arkhangel*;—*Inimigo à vista*;—*Francisco de Freitas Gazul*.



REAL THEATRO DE S. CARLOS

CHRONICA

Até á hora em que escrevemos,—por tal signal uma hora bem amargurada—não nos consta que S. A. a duqueza de Bragança haja dado á luz.

Por mais que os dez mil amanuenses d'estes reinos imploram ao Altissimo a prompta *delivrance* da gentil princeza, na doce expectativa de quatro feriados vindos do ceu; por mais que Lisboa em pezo apure o ouvido, para receber a boa nova n'uma salva de vinte e um ou cento e um tiros, S. A. R. D. Amelia continúa sem dôres, a artilheria permanece muda e os taes quatro feriados não chegam.

Debalde os sabios fazem vaticinios e prophcias. Em vão os Bandarras formulam calculos e architectam augurios. A Natureza ri-se dos prophetas de má morte e faz-lhes *piéd-de-nez*, mandando-os cuidar d'outro officio.

Não, que isto de se saber o dia preciso em que uma alma christã, burguez ou principe, hade transpor as portas da vida, não é o mesmo que fazer calculos sobre o numero de votos que alcançará um candidato do governo. Nas eleições ha chapelladas providenciaes, ha a *chantage*, a trapaça, a compra e venda, a traficancia e a veniaga, a galopinagem da ultima hora; quando é preciso, dispensam-se os suffragios dos vivos e fazem-se votar os mortos, até chegar á conta.

Pelo que toca ao nascimento de cada qual, nem mesmo comprando-se a parteira pode anticipar-se o momento em que elle deve vir ao mundo; nem mesmo sendo-se um Cumberland—o mais intrujão dos adivinhos—ou uma Amelia da Silveira — a *mais formosa das actrizes*—pode saber-se o dia preciso em que elle irromperá das entranhas maternas para soltar os primeiros vagidos á luz mundana.

Pois no caso presente, os vaticinios não faltaram. Segundo affirmavam os Edipos, S. A. devia dar á luz no dia 9 de corrente, pelo pino da meia noite, a hora fatidica dos duendes e das visões sobrenaturaes. Acreditando na prophcia como n'um evangelho, os ministros, com as suas fardas ricas constelladas de veneras, grans-cruzes a tiracollo, espadim pendente ao lado, desabaram todos no paço de Belem; atraz dos ministros, os altos dignitarios, os conselheiros de Estado, a nobreza em pezo; atraz da nobreza, o sr. patriarcha, de batina roxa e barrete cardinalicio no alto da sua cabeça veneranda.

Todos elles se dispunham a passar a noite nas salas do paço, á espera de que o futuro principe ou princeza nascesse, mas o sr. conde de S. Miguel houve por bem pol os muito delicadamente no meio da rua, affirmando-lhes que não, que S. A. estava de perfeita saude, que não soara ainda para ella, nem estava prestes a soar, a hora da terrivel batalha da maternidade.

E os murrões já accesos para a salva do estylo, apagaram-se de novo; e o azeite das lanternas tornou a vazar-se nas almotolias cazeiras; e os sinos não repicaram alegremente no alto das torres sombrias. Os srs. conegos recolheram o seu latim já engatilhado para um solemne *Te-Deum* de graças; a Camara engoliu o edital da praxe, e o governo, depois de despidas as fardas ricas, foi fazer a contagem dos seus deputados eleitos, verificando com enorme gaudio que não lhe faltava nenhum Pires e que todos os Ramires por elle inventados tinham sahido escoreitos da urna.

E enquanto os murrões da artilheria se apagavam de envolta com as luminarias nacionaes, enquanto o clero recolhia o latim das grandes solemnidades e os srs. mi-

nistros desafivelavam os espadins dourados, a gentilissima duqueza de Bragança, rindo-se graciosamente da credulidade indigena, saboreava ao jantar uma aza de perdiz com truffas, por entre pequeninos golos de Bordeaux, na mais doce paz, no mais encantador e invejavel remanso, sem uma dôr a morder-lhe o corpo fransino e delicado, sem um estremecimento symptomatico de maternidade proxima.

Mas não foi só com o parto de S. A. que a população da capital ficou d'esta vez lograda. Houve mais logros pela semana fóra. Dir-se-ia que o Carnaval não acabou ainda, e que a Natureza, envergando um dominó e afivelando um *loup*, se compraz em empulhar este bom povo ingenuo e credulo, mesmo no decorrer da Quaresma grave e sizuda.

Annunciára-se para sexta feira ultima uma grande maré, a maior e a mais extraordinaria maré d'este seculo. O sol e a lua, coincidindo n'um meridiano de 180°, exerceriam sobre as aguas uma attracção poderosissima. O Tejo, saindo do seu leito, onde dorme tranquillo ha tantos annos, viria dar um passeio á Baixa, imprimindo primeiro um longo osculo no bronzeo rosto da estatua de D. José, alagando as secretarias de Estado para as limpar da lepra dos galopins eleitoraes, e lavando na passagem todas as immundicies do ministerio da fazenda.

Perante este annuncio pomposo de um espectáculo nunca visto, Lisboa inteira condensou-se no Terreiro do Paço, havendo tal que passou ali a noite de quinta feira *à la belle étoile*, cavaqueando com as sentinellas somnolentas da alfandega e da junta do credito publico.

Por fim, o placido Tejo teve preguiça, e por mais que a conjuncção dos dois astros no mesmo meridiano o empurrasse para fóra da cama gelada, não houve por bem sair do leito, nem passeiar pela Baixa, nem oscular as faces do *Reformador*, nem alagar os ministerios, que tão necessitados andam de uma lavagem.

Conclue-se d'aqui ou que os prophetas erraram, ou que a força attractiva do sol e da lua tem diminuido a olhos vistos, andando cotada por baixo preço. Pois se os poetas já não cantam os astros, miseros astros!

Agora dá-lhes para cantar as andorinhas, que chegaram.

Chegaram, sim. Vi-as eu; não foste tu só que as viste, gentilissima leitora. Vieram um pouco antes da *Norma* e das eleições, votar, talvez, pela accumulção, no Dantas Baracho, ou prestar homenagem ao talento colossal de Helena Theodorini.

O *amigo das andorinhas*, de Coimbra,—um poeta—canta em verso a sua vinda, no *Conimbricense*, e diz que ellas chegaram, d'esta vez, muito constipadas, as *poveretas*!

Vês? Sentia-me com tendencias e disposições para fallar da tua sempre querida e nunca velha *Norma*, d'aquella *Norma* encantadora e suavemente melodiosa, que valeu grandes ovações ás Marchisios, um fiasco á Cepeda e agora um triumpho á Theodorini e á Bendazzi. Queria contar-te as minhas impressões d'uma noite adoravel em S. Carlos, cavaquear muito contigo, mas cheguei ao fim da pagina, quando menos o pensava, e vejo-me forçado a sopear esta legitima aspiração, pondo ponto final á Chronica.

Pois tenho pena! Que de coisas eu te diria agora, se pudesse!...

VISÕES DE HASCHICH

«Les voluptés se changent en souffrances, les joies en terreurs; une angoisse terrible vous saisit à la gorge, vous pose son genou sur l'estomac, et vous écrase de son poids fantastiquement énorme, comme si le sphinx des pyramides ou l'éléphant du roi de Siam, s'amusaient à vous aplatir.»

TH. GAUTHIER

I

Respondam lá, meus amigos, nunca leram os *Paradis artificiels* de Baudelaire? E o prefácio ás *Fleurs du Mal*, maravilhosamente escripto por Gauthier, também não?

Se não leram estas obras originalíssimas, devo aconselhá-las a que as vão comprar.

Se não me engano o Ferin deve tel-os (Entre parenthesis: isto não é réclame.)

Com 7 francos faz-se a festa: 3 francos e 50 centimos por volume, o que é baratíssimo, como vêem.

Leiam pois os meus amigos essas prosas cheias de originalidade, rutilantes de e-tylo, e garanto-vos que qualquer d'esses livros vos ha de produzir o desejo de experimentar immediatamente, os effeitos estonteadores do haschich.

Todas as tonturas, todas as hallucinações produzidas pelo mais capitoso dos vinhos,—o vinho de Vouvray, não bastarão para vos dar a mais pequenina idéa do que é o haschich ou dawamesk.

II

Vejamos o que Theophilo Gauthier diz a este respeito.

O haschich, como se costuma tomar, é uma decocção, um cosimento da *cannabis indica*, misturado com mel ou outra substancia que serve para lhe dar consistencia.

O caracter especial d'estas hallucinações é a maneira especial como se vêem as coisas.

A frouxissima luz de uma lamparina, affigura-se-nos uma grande illuminação de luzes Drumond, esclarecendo a *giorno* um selão magnifico: um perfume qualquer produz nos grandes extasis olfactivos, que nos fazem ver fantasiosas plantas de florescencias exóticas, d'onde se evolvam uns aromas embriagadores e penetrantes: qualquer musica trivial, (*A Maria da Fonte*, por exemplo), affigura-se-nos uma sonata mais harmoniosa e cadente que as composições maravilhosas de Haydn, de Mendelssohn, ou de Weber; enfim,—tudo se transforma, tudo se engrandece aos nossos sentidos, desde as cousas mais insignificantes, até ás mais elevadas e sublimes.

—Leitor amigo, ainda te não sentes com vontade de experimentar os offeitos maravilhosos do dawamesk?

Agora, e para comprovar o que tenho dito, vou contar-te as minhas proprias hallucinações haschichianas.

III

Foi hontem á noite. Depois de jantar começou a chover torrencialmente, e por essa razão resolvi não sahir.

Metti-me pois no meu pequeno quarto d'estudante e, sem perder tempo, abri um cofre onde tinha alguns confeitos de haschich.

Estes confeitos eram pequenissimos e por isso, tomei quatro ou cinco, plenamente convencido de que não me faziam mal.

Em seguida deitei-me n'um sofa e, passados alguns instantes, já eu sentia um grande entorpecimento por todo o corpo.

Os olhos foram-se-me nublando vagarosamente, os braços cahiram-me para o lado e um estremecimento nervoso começou a agitar-me.

Então, repentinamente, senti-me rodeado de um perfume desconhecido: era o aroma de uma rosa-chá que eu tinha na botoeira do meu casaco. Mas o que é notavel é que a rosa começou a transformar-se, primeiro n'um *bouquet*, depois n'um ramo enorme e, finalmente, n'um jardim mais bello e muito mais oloroso que os lendarios jardins aereos de Semiramis.

Julguei atravessar grandes alamedas cheias de lilazes, de heliotropos, de jasmíns de Java e de magnolias, e cuidei sentir os aromas calidos e penetrantes do aloé, do sandalo, do ananaz, do almiscar e do tamarindo...

Oh! como tudo aquillo era bom!

IV

De repente, olhei para uma estampa que eu tenho na parede do meu quarto.

Essa estampa representa Venus sulcando as agoas revoltas do mar, emquanto se vê lá muito ao longe, um grupo de Nerei-

des deliciosas. Apenas olhei para esse quadro o corpo de Venus começou a encher-se de vida, os seus olhos cubriram-se de luz, e os seus pequeninos seios alvos e redondos como os zimbórios dos palacios egypcios, começaram a palpitar luxuriosamente.

As agoas foram agitando, a pouco e pouco, o seu manto verde enfeitado com arminhos, de espuma, e ao contacto dos seios tumidos das Nereides,

comme des lis noyés, la houle
fait dans sa volute d'argent
danser leurs beaux corps qu'elle roule,
les élevant, les submergeant,

como na magnifica aguarella de Théophile Kniatowski, tão bem descripta nos *Emaux et Caméris*.

De subito, Venus desceu do seu quadro e caminhando triunphantemente sobre o tapete da minha alcova, veio enleiar-me nos seus braços deliciosamente nús, e roçou os seus cabellos fulvissimos nos meus labios cubicosos e ardentes...

Mas apenas ella se abraçou a mim, olhei involuntariamente para o retrato da minha bem Amada que eu tenho defronte do meu leito, e vi o seu rosto coberto de uma palidez funeria e os seus olhos cheios de ciume.

Tornei a olhar para aquelle retrato e ella, a minha gentil namorada, bradou-me n'um tom supplicante e dolorido:

—Filho, não me atroíçoes!

V

De repente, o corpo deslumbrante da mythologica Venus desapareceu da minha vista.

Então poisei os olhos n'um lindo punhal que eu tenho na minha panoplia.

O punhal começou a mexer-se, desprendeuse da panoplia, deixou-se cahir pela parede abaixo e aproximou-se do sofa onde eu estava.

Então estremeci, cheio de terror!

Mas elle—o terrivel punhal veio-se-me cravar na garganta d'onde começou a jorrar uma grande fita de sangue.

Oh! que horrivel momento! Então puz-me a gritar por socorro, mas n'esse instante o haschich deixou de fazer effeito e eu despertei.

VI

Quando me vi acordado, fiquei admiradissimo de não estar coberto de sangue, e mais admirado fiquei quando vi o punhal muito socegado da sua vida entre os floretes e os sabres da panoplia.

A formosissima Venus e as Nereides nem sequer se moviam, e o aroma da rosa-chá que eu tinha na botoeira do meu casaco, já não me envolvia de perfumes cariciosos...

O encanto tinha-se quebrado: mas que bellas impressões que eu sinto ainda hoje d'essa deliciosissima hallucinação!

VII

Então, leitor amigo, ainda não sentes um grande desejo de experimentar os effeitos estonteadores do haschich?

Lisboa, março de 1887.

EUGENIO DE CASTRO.

REDIVIVA

Na Torre de Marfim d'uma illusão sagrada,
Quando eu outr'ora amava a pallida criança,
Habitou a minh'alma estranha, involucrada
Do tremulo fulgor da sua loira trança,
Na Torre de Marfim d'uma illusão sagrada;

E embora cada vez a veja mais distante
E sinta terminado o meu amor tão puro,
Faz-me ainda sonhar essa illusão radiante
Que um dia illuminou o meu caminho escuro,
Embora cada vez a veja mais distante!

(Das *Verbenas*).

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

UMA VIAGEM NA HESPAÑHA

IV

Quando vi que o sr. Anselmo de Andrade se aproximava de Granada, comecei a estar com os meus receios. O que me vai elle dizer d'uma cidade, que foi por tanto tempo a patria dos meus sonhos? Que desillusão me espera? Em que estará hoje transformada aquella cidade, que eu por tanto tempo vira atravez da magica prosa de Washington Irving e dos magicos versos das Orientaes? Confesso que ia seguindo com um certo medo o sr. Anselmo de Andrade, tanto mais que elle, ao fallar da Alhambra, e ao descrever os sitios que se atravessam para se ir ao famoso palacio, não era muito animador. E tive quasi deitando a fugir, com medo de que uma palavra desconsoladora viesse desmorrar no meu espirito a Alhambra dos meus luminosos devaneios, como os tremores de terra de 1884 por um pouco que não deitaram abaixo a Alhambra da realidade.

Para fazer comprehender ao leitor o meu enthusiasmo, devo dizer-lhe que eu vivi na Alhambra na minha infancia. Quando digo que vivi na Alhambra, deve entender-se que foi em Mafra, mas em Mafra estava o meu corpo, e o meu espirito empenhado na soluçao de varios problemas que o sr. Luiz Profrino da Motta Pegado me propunha, como meu lente, que foi, de mathematica; mas a minha imaginação vivia na Alhambra com Washington Irving, cujos deliciosos *tals of Alhambra* andavam por essa occasião sendo traduzidos n'um periodico excellente, que se publicou em Lisboa com o titulo de *Revista Estrangeira*.

O illustre escriptor, ministro dos Estados-Unidos na Hespanha, foi-se metter uns mezes na Alhambra, e descrevia-a com uma paixão, com um enthusiasmo que me transportavam em extasi, e que faziam com que eu não saísse do pateo dos Leões e do jardim de Lindaraxa senão quando um puxão de orelhas de meu pai, que entrara sorratamente, e que eu não sentira porque estava em grande cavaqueira com os Abencerragens e os Zégris, me chamava à realidade, ao convento de Mafra, e aos theoremas geometricos tão frios e massadores como o edificio em que eu os aprendia.

Assim foi que deitei amores pela Alhambra, amores em que fui confirmado por aquella esplendida oriental de Victor Hugo, que, depois de dizer o que tem cento e uma cidades hespanholas, acaba por declarar com arrogancia:

Mais Grenade a l'Alhambra

Depois d'isto já podem imagina que o meu grito de guerra era «Alhambra ou a morte». Mas confessem que sonhar a Alhambra e estar em Mafra, e principalmente estar em Mafra a estudar mathematica, é triste.

Um dia, achando-me eu na proecta idade de 12 para 13 annos, deliberei escrever um romance, nem mais nem menos, e um romance historico, intitulado *João de Nova*. O meu fim principal era metter o meu heroe na Alhambra. Não era facil, mas eu tinha recursos de imaginação. João de Nova era gallego; ora da Galliza à Alhambra *il n'y a qu'un pas*, com a condição de ser um passo do tamanho de umas boas centenas de kilometros.

Resolvido isto, peguei na penna com que acabava de demonstrar que o quadrado da hypotenusa é igual à somma dos quadrados dos dois cathetos, e escrevi com um estremecimento de jubilo: *Capitulo I: Na Alhambra!*

O capitulo, já se vê, tinha epigraphe, como eu vira nos romances de Walter Scott traduzidos por Defauconpret, e a epigraphe, é claro, fui procural-a a Victor Hugo:

*L'Alhambra! L'Alhambra! palais que les génies
Ont doré comme un réce, et rempli d'harmonies*

Não me contentei com esta citação, e abri o capitulo com outra: «Ha tres logares no mundo diante dos quaes o homem deve curvar a cabeça com respeito: Jerusalem, Santa Helena, Alhambra, disse o grande escriptor americano.»

Como veem, se o capitulo podesse continuar d'sse feitio, seria sem duvida uma obra prima; infelizmente vinha depois a minha prosa original, que—tenho a modestia de o confessar—se distanciava alguma coisa da prosa de Washington Irving e da poesia de Victor Hugo.

Mas esta citação lembra-me uma anedocta curiosa, que mostra bem o que é a gloria litteraria!

Meu pai, que apesar dos puxões de orelhas com que me demonstrava eloquentemente as vantagens da mathematica, tinha uma fraqueza paterna pelos meus ensaios litterarios, sphanhando o manuscrito, mostrou primeiro a severidade official, observando que Francear era de uma leitura muito mais solida do que os *Contos da Alhambra*, mas n'essa declaração parou a reprimenda, e, vendo o pobre romancinho com a illimitada indulgencia de um pai e de um pai extremosissimo que elle era, não descançou emquanto não foi mostrar ao meu mestre de philosophia, Pacheco,

um excellento velho cuja physionomia lembrava um pouco a de Thiers, essa prova da minha precocidade.

Pacheco provavelmente deu ao diabo a cardada, mas eu que, passando junto do quarto paterno, ouvi de repente a minha prosa lida pela voz grave de meu pai, não pude resistir ao desejo de assistir à scena. Espreitei e vi o nariz adunco e os oculos do meu velho professor, que escutava pacientemente as minhas locubrações.

Quando meu pai leu a citação que atraz mencionei, Pacheco interrompeu-o.

—Qual escriptor americano? Las Casas?

—Não, respondeu meu pai. Washington Irving.

—Não conheço, tornou Pacheco.

Eu torci-me a rir. O meu classico Pacheco parara no seculo XVI, e considerando escriptor americano o eloquente bispo de Chiapa, o defensor dos Indios da America, ignorava absolutamente o author do *Sketch-Book*, o suavissimo prosador americano.

Quando eu me lembro que se algum pequenote de 12 annos fizesse hoje uma citação como a que eu fiz, e se referisse ao «grande escriptor americano», eu perguntaria igualmente: Quem? Washington Irving? e que o rapazote me responderia desdenhosamente e comprimindo uma grande vontade de rir: «Não! Mark Twain,» quando me lembro d'isto, penso com grande tristeza no que tem de ephemero as glorias litterarias. Cada geração tem os seus grandes homens, [que a geração immediata quasi que desconhece.

Pois ahi tem o motivo porque eu estava tremendo de encontrar no livro do sr. Anselmo de Andrade a perda de uma illusão. Tal não succede felizmente. A Alhambra que elle me descreve é ainda a Alhambra que eu sonhava, esse castello de luz, segundo a phrase do escriptor, esse bordado phantastico e maravilhoso feito por mãos de fadas na pedra e no alabastro.

O que me transtornou um pouco a impressão da descripção de Alhambra foi a *Tradição granadina*. E' o capitulo menos feliz do livro. Aquelles arabes d'esse brevissimo romancesinho são uns arabes *rocóco*, uns arabes de relógio de sala, fabricado no principio d'este seculo, no tempo em que as filhas dos coroneis francezes liam com os olhos em alvo as paginas delambidas do *Ultimo dos Abencerragens*.

Desculpe-nos o sr. Anselmo de Andrade a franqueza, mas admiramos tão sinceramente o seu livro que temos o direito de lhe dizer que esse capitulo da *Tradição granadina* foi o unico que não nos deixou boa impressão.

Da Granada leva-nos o sr. Andrade a Cadiz, onde encontrou, ao que parece, as mesmas impressões que lord Byron — impressões litterarias, entende-se, porque o *don juanesco* lord parece que fez o bom e o bonito em Cadiz, a ponto de declarar, n'uns versos celebres, que a unica virgem que havia na cidade, era a Virgem Maria. Deploramos saber que vae em decadencia a formosa cidade, que tem a especialidade das revoluções avançadas.

No capitulo de Cadiz ha uma pagina encantadora consagrada à mantilha, como no capitulo immediato, que se occupa de Sevilha, ha uma *cavatina* esplendida ácerca de D. João Tenorio. No meio do trama formosissimo do seu livro, o sr. Anselmo de Andrade teve ainda a arte de bordar uns recamos de seda e oiro, esplendidos de côr, e deliciosos de desenho, que encantam a vista. São uns trechos que se podem destacar, e citar como bellas paginas de prosa portugueza. Estão principalmente n'este caso os magnificos paragraphos que consagra a Santa Thereza de Jesus e a D. João Tenorio.

Mas decididamente não se póde passar pela Andaluzia sem se ser atacado pela doença gongorica. E' a febre do paiz, é o producto dos calores intensos d'aquelle sol meridional.

Quando lemos no livro do sr. Andrade a descripção aliás excellente da cathedral de Sevilha, sentimos que os olhos do sr. Anselmo de Andrade já estão vendo os objectos atravez das lentes andaluzas. *Caramba!* que hespanholadas! Um cirio que seria um obelisco, um catafalco do tamanho de uma pyramide do Egypto! Dentro da cathedral cabem á vontade cinco egrejas dos Jeronymos, e a mesquita de Cordova ainda é muito maior que a cathedral de Sevilha. *Voto á Dios, D. Anselmo, que tiene usted una vocacion para Andaluz!*

Um capitulo a respeito dos ciganos, que constitue um pouco um *hors-d'œuvre*, serve de transição para passarmos de Sevilha a Cordova, que o sr. Anselmo de Andrade descreve com a sua habitual magia.

Quando nos fallou dos jardins d'Azzahrat fez-me saudades de um formosissimo romance portuguez, que já agora me parece que ficará incompleto, apezar de estar vivo e são o seu auctor—o *Conde soberano de Castella*. E' Azzahrat a sua heroína, e que admiraveis descripções da vida arabe e da vida christã medieval se encontram n'essa formosissima obra, que ficou incompleta, dispersa em fragmentos pelas paginas do *Panorama*. Porque não ha-de o sr. Antonio de Oliveira Marreca fazer um esforço, e dar um fecho qualquer a essa obra, para que fiquem ao menos reunidos n'um livro esses admiraveis capitulos, essas descripções soberbas?

Descrevendo a mesquita de Cordova com a sua floresta de columnas, com a sua immensa superficie, faz o sr. Anselmo de Andrade justissimas considerações ácerca do caracter dos tem-



MARIA EUGENIA DOS SANTOS

plos christãos e dos templos mahometanos, dos templos christãos em que o pensamento se arroja para o ceu, dos templos musulmanos onde as columatas baixas mosaram que o pensamento semita nunca se ergue muito acima do pó da terra.

Com isto se despede o sr. Anselmo de Andrade da Andaluzia, e nós tambem nos vamos despedir do sen formoso livro. Duas palavras ácerca dos campos de batalha de Navas de Tolosa e de Baylen que lhe ficam em caminho, e eil-o na residencia principesca de Aranjuez, onde paira ainda a doce sombra da rainha Mercedes, enquanto a actual regente, a severa austriaca, ha de deixar a sua memoria pegada aos muros sumptuosos da Granja.

E, consagrando um ultimo capitulo aos esplendores historicos de Toledo, termina a sua interessante viagem, em que folgámos de acompanhar o, porque tivemos ensejo de dar aos nossos leitores algumas informações curiosas, e de lhes apresentar um escriptor, que se revela desde já como uma das glorias da nossa litteratura contemporanea.

PINHEIRO CHAGAS.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 27 DO 3.º ANNO)

VII

Como se desfaz um embaixador?

Chegados a Londres, o novo conde de Sendim e a sua formosa amante desenvolveram um tal fausto de vida, um tão deslumbrante luxo de equipagens e de *soirées*, que conseguiram em breve dar nas vistas, ser fallados na alta sociedade ingleza.

Entretanto, essa grande honra, esse feito quasi heroico de se tornar saliente na corte londrina, importava n'um dinheirão ao conde de Sendim.

E apesar de ser muito rico, de estar muito bem, e de se dar excellentemente n'aquella alta vida elegante, dentro do novo e brilhante conde de Sendim havia ainda o antigo e modesto negociante Fonseca, da rua das Damas, que se assustava ás vezes, quando via sahir em turbilhão pela janella fóra os seus continhos de réis a que tanto amor tinha, quando nos intervallos das festas principescas, que lhe tomavam agora toda a existencia, fazia mentalmente o seu balanço entre a receita e a despeza.

Mas Antonina morria por aquella vida: encontrára finalmente o seu verdadeiro meio, e cada vez mais formosa, cada vez mais seductora, exercia sobre o conde um verdadeiro poder de fascinação, dominava-o completamente, absolutamente, pela sua belleza, pela sua intelligencia, pela sua superioridade.

A's vezes o conde queixava-se do desequilibrio gravissimo que se ia dando nas suas finanças, e então Antonina notava-lhe cartas para o governo, para os seus ex-collegas, exigindo altas sommas para despesas de representação.

E essas cartas sortiam sempre o effeito desejado: o dinheiro apparecia, e os cofres do thesouro estavam escancarados para o conde de Sendim, como se elle fosse um d'esses vultos dominantes d'um paiz, a quem os governos não se atrevem nunca a dizer que não.

E tudo corria ás mil maravilhas, para o conde e para a sua formosa amante, quando um bello dia surgiu de repente uma nuvem negra no ceu da sua felicidade.

Essa nuvem foi o filho do conde de Sendim, um filho que elle mandára de pequeno para Londres, e que, quando seu pae ali chegou como embaixador, andava lá pelos Estados-Unidos, labutando na vida commercial.

A chegada do filho do conde de Sendim foi uma bomba que rebentou aos pés de Antonina.

Até ali, ella era recebida em toda a parte, como condessa de Sendim, não porque o conde se atrevesse nunca a apresental-a officialmente como tal, mas porque andando sempre com ella em publico, vivendo com ella maritalmente, sendo ella que nas festas da sua casa fazia as honras com um alto bom tom, e uma suprema distincção, ninguém ousava sequer suspeitar que um diplomata, na alta posição do conde de Sendim, tivesse o descaramento, o cynismo, de apresentar assim francamente, escandalosamente uma amante sua.

E sem ser necessario que o conde a apresentasse como sua mulher, toda a gente, a começar pelos proprios empregados da embaixada, a tratavam respeitosa e correctamente por sr.ª condessa.

Nem ella nem elle pensaram nunca em desilludir esses ingenuos, e Antonina em Londres, passava em julgado por condessa de Sendim.

E eis que de repente cae em Londres o filho da verdadeira condessa.

A situação era realmente difficil, e o conde de Sendim não teve senão um meio de fugir d'ella: sahir precipitadamente de Londres, pretextando para a sociedade ingleza e para o governo portuguez, uma doença grave, a que o frio londrino poderia ser prejudicial.

Felizmente o Fonseca, que pensava tanto no seu filho que estava nos Estados-Unidos, como na sua mulher e sua filha que estavam na sua herdade do alto Douro, nunca lhe escrevia senão lá de mezes a mezes, quando era de todo indispensavel responder ás cartas d'elle, que tambem não eram muito persistentes.

A ultima carta de seu filho, recebera-a ha coisa de dois annos, quando elle lhe participava a sua ida para os Estados Unidos; respondera-lhe, e nunca mais d'elle tivera noticias, nem suas lhe dera.

Portanto, graças a este desleixo de pae, o Fonseca nunca participara a seu filho que deixára o seu banal e humilde appellido, pelo pomposo titulo de conde de Sendim.

Soube da chegada de seu filho, por umas notas que foram parar á embaixada, e sem o procurar, sem se dar a conhecer, sem esperar que elle viesse a decifrar o segredo, tratou logo de se pôr a andar.

Porque no fim de tudo a questão era seria, era grave, por causa de Antonina.

Se ella não tivesse apparecido em toda a parte, se ella não fosse tida, embora nunca elle o dissesse, mas com o seu silencio consentira, como condessa de Sendim, se elle tivesse tido o bom senso de fazer o mesmo que em Lisboa fizera sempre, de a apresentar como sua governante, o caso mudava de figura, e se a presença de seu filho o contrariava um pouco, não lhe causava comtudo o transtorno gravissimo, que assim lhe fazia.

Assim seria um escandalo enorme, que rebentaria fatalmente no dia em que seu filho o reconhecesse sob o titulo de conde de Sendim, e em que visse a sua concubina apresentar-se como sua esposa.

Chegados a Paris, o Fonseca teve porém, escaramentado com o susto que apanhára em Londres, de mudar completamente de vida, e sobretudo de systema.

E começou a viver isolado, sem andar na grande roda, sem procurar relações, quasi mesmo que fugindo de todos.

Ao mesmo tempo a sua posição official era insustentavel: não a podia prolongar por muito tempo.

Antonina lembrou-lhe que pedisse transferencia, que exigisse do ministerio, de que fizera parte, que lhe dessem outra embaixada.

Apesar do ascendente enorme que a sua amante tinha no seu espirito, o Fonseca hesitava.

Tinha feito aquella grande asneira de Londres, e tinha medo que a coisa desse de si, que se viesse a saber que elle, na sua alta posição official, tinha commettido aquelle abuso de confiança, de fazer receber, em muitas grandes e honradas casas de Londres, a sua concubina como sua esposa.

De Lisboa, o presidente do conselho escrevia-lhe de vez em quando, informando-se a serio da sua saude, perguntando-lhe se elle queria ser transferido para algum paiz menos frio.

E a cada uma d'essas cartas Antonina, que muito mais desembaraçada que elle não temia o escandalo, instava, pedia, quasi que mandava que respondesse que sim, que accedesse a transferencia.

E a conde de Sendim, muito hesitante, muito perplexo, não sabia que fazer...

De repente, cahiu-lhe do ceu, aos trambulhões, uma boa má noticia.

O telegrapho, um dia, communicou-lhe que o ministerio portuguez cahira, que o conselheiro Malaquias dera a sua demissão e a de todo o gabinete.

Estava cortado o nó gordio. A queda do ministerio de que fizera parte, e em obsequio ao qual se sacrificara accedendo a embaixada de Londres, indicava-lhe claramente o caminho a seguir.

Um homem na sua posição não tinha senão uma coisa a fazer, demittir-se.

E cheio d'esta idéa, agarrando-se a ella como unica taboa de salvação para sahir da sua posição falsissima, o conde de Sendim foi communicar o seu projecto a Antonina, tremendo de medo que o regeitasse, mas disposto a defendel-o com a maxima energia, de que podia dispor, e que, francamente, não era lá muita.

Mas com grande espanto seu, Antonina, não só não combateu o seu projecto, não só não lhe oppoz a mais ligeira objecção, mas até o approvou immediatamente.

—E' a unica coisa que tens a fazer, disse-lhe ella: pede já, já a tua demissão.

O conde, muito contente com esta resposta inesperada, olhava-a estupefacto e radiante.

Mas ficou muito menos radiante e muito menos estupefacto, quando Antonina continuou:

—Pede-a já, antes que t'a mandem.

(Continúa).

GERVASIO LOBATO.



ARKHANGEL

ADULTERA

(Historia burguezo)

I

Não podemos dizer ao certo a idade que elle tinh .

Dar-lhe-biamos para cima de cincoenta annos, se apenas fizessemos reparo nos cabellos grisalhos da barba, apartada em duas suissas densas e bem cuidadas, na calvicie que começava a desnudar-lhe a cbeça e na curva do abdomen, um tanto dilatado e descahido sobre as pernas.

Mas por outro lado, a fartura de carne, de uma rijeza e brilho que bem denotava a saude vigorosa do seu proprietario, a pelle avermelhada e lisa do rosto a que dava animação um sorriso rabelaisiano, que nunca se extinguia, a viveza e mobilidade do olhar um tudo nada malicioso, a celeridade viril, que, apesar do volume, apresentava em todos os seus movimentos, remoçavam-n'o extraordinariamente, dando-lhe a apparencia de um homem de quarenta annos.

Pela sua robustez herculea e férrea musculatura, comprehendia-se logo que aquelle homem não devia ficar atraz do portentoso Sysipho, que levantava um rochedo como quem pega n'uma folha!

Porém, a sua alma naturalmente propensa á mansidão, não equilibrava aquella força prodigiosa, d'onde resultava que o digno senhor Braz, podendo arrebear um boi com um sóco, não se atreveria a molestar uma moça!

Era raro vê-lo estomagado ou de mau humor; rarissimas vezes se lhe ouvia uma phrase virulenta ou uma heresia ainda a mais venial: e para mais, as linguas viperinas da gente de porta de rua, não davam conta de que o nosso homem tivesse um só inimigo.

O excellente Braz fôra sempre o mesmo em todos os tempos e em todos os logares. Character expansivo e jovial, cavaqueador das *pontinhas*, e physionomia prazenteira, trasudando uma bonhomia faceta que ás vezes atirava para bonacheirice.

E' que elle era um d'esses bemaventurados, infelizmente raros, para quem a vida é uma serie ininterrupta de sorrisos e venturas, especie de arroio ameno e crystallino que, impedido pelo sopro tenue da brisa atravez a macia alfombra dos prados floridos, deslisa mansamente no seu leito entretecido de seixinhos e despovoado de syrthes.

E para prova do que deixamos dito, bastar-nos-ha lançar um olhar retrospectivo para o passado do nosso personagem.

Braz Coelho começara por ser marçano, e depois de percorrer todos os graus da hierarchia commercial, assumira as importantes e graves funcções de merceeiro da nossa praça.

Não sabemos se a humanidade teve muito a ganhar, indo fornecer-se ao estabelecimento do famoso Braz, que não tinha papas na lingua quando se tratava de affiançar a pureza dos seus productos alimenticios; o que porém não ignoramos é que o nosso heroe era um habil timoneiro, e que o barco navegava com vento de feição atravez as planuras da mais invejavel prosperidade, direitinho a esse porto tão querido pelos homens e que se chama—*riqueza!*

Os freguezes accudiam á porfia e as pilhas de *amarelinhas* medravam na *burra*, mandada construir *ad hoc*.

Um bello dia começou a catrapiscar uma costureira galante, de lume no olho e favos de mel na voz.

Nathalia—assim se chamava a gentil *grisette*—era quinze annos mais moça do que o seu gordo requestador, o que não impedia que proferisse o sim matrimonial com o mais encantador dos seus sorrisos.

Digamos porém de passagem, para evitar equívocos, que aquelle sorriso, tomado ao pé da lettra, significava simplesmente o seguinte:

—Sinto-me satisfeita porque não errei o calculo!

Entretanto fôram decorrendo os annos, até que uma certa manhã o Braz—que pensava em deixar a vida de balcão—verificou, depois do respectivo balanço, que possuia em caixa setenta mil cruzados!

Uma bonita maquia!

Que mais queria elle?... Não era ambicioso. Depois... com aquella somma poderia comprar uma boa porção de titulos da divida publica, e passar vida regalada.

E aqui está como o Braz, merceeiro, se tornou em senhor Braz, jurista!

II

Muito conhecido e bemquisto no bairro, chegara a conseguir uma certa popularidade, cousa em que elle tinha muita presumpção.

Era vel-o todos os dias, á tarde, pela rua abaixo, mãos metidas nos bolsos, erecto e magnifico na sua *encadernação genuina-*

mente burgueza, semblante jovial e desannuveado de quem anda por esse mundo fóra sempre occupações nem maguas, distribuindo barretadas para aqui e para alli, trocando *shake hands* alentados para este e para aquelle lado, parando continuamente para dar dois dedos de cavaco a Fulano e a Beltrano, e recebendo por troca os sorrisos e as saudações de todos, geralmente formuladas nos seguintes termos:

—Adeus, sr. Braz!... Viva, só Braz!...

O seu ponto favorito era o Aterro. Alli se deixava estar horas e horas, sentado n'um banco, immerso na contemplação do movimento nautico, espectáculo que elle tinha na conta de verdadeiro acepipe.

O que não quer dizer que, uma vez por outra, não trocasse as auras amenas do Tejo e as esteiras multicolôres dos paquetes, pelo ambiente enfumaçado e alcoolico dos botequins, onde o levava a sua natural predilecção pelos jornaes.

Era jurista e cidadão, e como tal gostava de andar em dia com as cotações da bolsa e os artigos de fundo, cuja leitura um tanto arrevesada elle, á cautella, desopilava com repetidas libações de curaçáo.

Muitas vezes, durante o inverno, e depois de um jantar formidavel, o Braz voltava-se de esguelha para Nathalia, e dizia-lhe á queima-roupa, piscando os olhos n'uma visagem um tanto abrejirada:

—Vamos hoje a uma *th'atrada*, hein?

O theatro escolhido era quasi sempre a Trindade. Nathalia era doida pela opera comica, e adorava a musica de Offenbach.

Devemos porém dizer, a bem da verdade, que nas passagens fresquinhas da peça, ella escondia o rosto com o leque n'um engraçado movimento de casta pudicicia, emquanto o seu roliço marido dava largas ao riso, estourando em gargalhadas sonoras que punham a arder os ouvidos dos espectadores circumvisinhos!

Mas as magnas patuscadas tinham logar no verão. Os esposos Coelho constituam-se em rancho com quatro ou cinco pessoas do seu conhecimento, egualmente apostolos da folgança, e todos partiam em alegre e ruidosa camaradagem para o Campo Grande, seguidos de um robusto filho de Tuy, ajoujado com o jantar que depois seria servido sobre a relva, á sombra fresca das arvores.

E as frituras da Perna de Pau?... E os touros?... E as burricadas de Cacilhas?... E os passeios pelo Tejo, *au clair de la lune!*...

Um *felizão*, aquelle excellente Braz!...

III

Era em terça feira gorda.

O horizonte, conservando-se limpido e azulado como um grande lago de anil, cousa muito para admirar, n'aquelle dia de loucura em que a propria natureza costuma associar-se á festado deus Momo, ativelando o *loup* dos grandes nimbos pardacentos e apontando á humanidade convulsionada os esguichos gelados de myriades de bisnagas celestes. O sr. Braz acabava de jantar, e, cousa singular! demorara-se quinze minutos á mesa, elle, que costumava dedicar uma hora para cada refeição!...

Depois de engulir o ultimo bocado e de emborcar uma enorme chavena de café, deu um estalinho com a lingua, indicio de estomago repleto, limpou os beiços, collocou meticulosamente o guardanapo sobre a mesa, ao lado do prato, accendeu o cachimbo, expelliu uma ou duas baforadas, e voltando-se risonho para a consorte, disse-lhe n'um bello tom faceto:

—Então, amorsinho, ficas ahi?... Anda, veste-te e vamos ver as mascarasi!

Mas, oh! suprema infelicidade!... D. Nathalia levantara-se indisposta n'aquelle dia. Não se sentia melhor. Depois, a confusão, os apertos, a bulha dos trens, a algazarra do mascarados, tudo isto havia de augmentar-lhe o soffrimento.

Nada, nada!... Decididamente não ia. Ficava muito melhor no cantinho da casa! Elle que fosse só... Sim, que fosse, para depois lhe contar tudo...

Perante tão justo arrasado, o sr. Braz resignou-se, muito a seu pesar, diga-se a verdade. Não contava com aquelle contratempo! De mais a mais comprara dois bilhetes para o espectáculo e baile de mascarasi da Trindade, surpresa que destinava á sua Nathalia.

E quando já antegosava com a fagueira perspectiva de uma verdadeira noute em cheio, eis que uma simples indisposição lhe vinha atrapalhar o capitulo!... Uma indisposição... n'um dia de folguedo!... Aquella só ao demo lembrava!... E foi proceder á sua *toilette*.

Depois de convenientemente paramentado, despediu-se de Nathalia.

—Demoras-te?...

—Olha, menina, é quasi certo! disse elle, mostrando-lhe os dois bilhetes.

—Um era para ti. Como não vais, dal-o-hei de presente a um amigo.

E sahiu.

Ia magnifico. Largas pantalonas côr de açafão, collete listrado, grande redingote preto, chapéo de côco, grossa cadeia de ouro com um bom sortimento de berloques, gravata em laço com pontas ondulando á briza, e um bambú na mão direita, para o que desse e viesse.

IV

A'quella hora o Chiado apparecia aos olhos do espectador, revoltado e vertiginoso como um grande turbilhão.

Janellas replectas d'onde emergiam as cabelleiras empoadas das damas; ondas de povo fervilhando em redemoinhos pelos trottoirs abaixo; correrias desenfreadas; nuvens de tremoços e pós; tiroteios de ovos; ao meio da rua, um sequito sem fim de carruagens atulhadas de mascarados de todos os matizes, dando como pasto á curiosidade do indigena a exhibição idiota das suas jogralidades truanescas, e dominando este pelago humano, um *brouhaha* medonho, amalgama ensurdecedor de gritos e gargalhadas, de guizos e zabumbas!...

Encostado a uma porta d'onde não havia forças humanas que o fizessem affastar, sobranceiro á multidão que lhe passava pela frente em corrente desordenada, o senhor Braz assistia delirante áquelle espectáculo turbilhonado e febril, ao qual o passar de tantas figuras sarapintadas dava o character phantastico e movimentado dos quadros kaleidoscopicos!

—Magnifico, magnifico!... bradava elle, abrindo desmesuradamente os seus grandes olhos, á flor do rosto.

Houve porém um momento em que, no meio do prazer febricitante que estava experimentando, se lembrou de sua mulher.

Ah! se não fosse aquella maldita indisposição, tel-a-hia agora ao seu lado e gozariam ambos, communicando-se entre si as impressões!

Teve remorsos ao pensar em que Nathalia teria talvez adoecido deveras enquanto elle estava para alli rindo e folgando com um desprendimento de egoista!

Remorsos tardios, forçoso é confessal-o, por isso que só vieram quando as primeiras sombras da noite, que se avisinhava, deram a festa por finda!

—Sempre sou muito pedaço d'asno! murmurou elle, apertando convulsamente o castão da bengala.

E metteu-se resolutamente pelo meio da multidão, com destino a casa, onde desejava chegar o mais depressa possível.

V

O ex-merceeiro ganhara, não sem custo, a praça de Camões, e preparava-se para dobrar a rua do Norte, quando sentiu que lhe batiam no hombro.

Voltou-se inopinadamente e não poudo evitar uma careta, ao deparar-se-lhe um vulto negro, que se erguia á distancia de um passo, esguio e funebre como um cypreste!

—Heim! O que me quer vocemecê?... regougou o outro, percebendo á luz dubia do lampeão municipal que tratava com um personagem alto, recatadamente envolto n'um amplo dominó preto e com o rosto velado por uma mascara da mesma côr.

Respondeu-lhe uma voz sacudida e cavernosa, voz de demonio:

—E' o senhor Braz Coelho?

—Sou eu. E depois?... inquiriu o jurista, abotoando cautelosamente o casaco, porque começava a tornar-se-lhe suspeito áquelle noctivago figurão, que sem mais nem menos pronunciava o seu nome.

O desconhecido metteu a mão pela abertura do dominó, sem dizer palavra, e saccou um objecto que entregou ao Braz, dizendo simplesmente:

—Isto é para o senhor!

E rodando sobre os calcanhares, desapareceu rapidamente no escuro.

O ex-merceeiro ficou, como se costuma dizer, de cara a uma banda!

Era a primeira vez na sua vida que topava com o extraordinario!... Imagine-se pois a sua perplexidade!...

—Que diabo de homem este!... dizia elle, procurando reunir as idéas que começavam a emmaranhar-se. Seria algum meliante?!... Não, não pôde ser!... O maroto não me *bifou* coisa nenhuma... Talvez porque não podesse, lá isso é verdade!... Estaria eu a sonhar?!... Seria aquillo uma nuvem... uma visão?... Qual nuvem, nem qual carapuça!... Vi-o bem perto de mim; era um latagão de legua e meia!... Fallou-me... proferiu o meu nome... E que rosnar que o negregado tinha!... Ah!... —e deu uma foite palmada na testa— Uma carta!... Forte alarve! Era por aqui que devia ter começado!...

Ditas estas palavras, mirou com toda a attenção a missiva que tão extraordinariamente lhe viera ás mãos. O subscripto porém nada lhe podia dizer, porque estava completamente em branco.

Chegou-a ao nariz; cheirou-lhe a feno. Virou-a e tornou a viral-a, experimentou-lhe o peso, deu-lhe tres pancadinhas com os dedos, e por fim murmurou, descerrando es labios n'um sorriso pacato:

—Estou quasi a vér que temos saias no negocio!... Alguma beldade que bebe ares e ventos cá pela pessoa!

E o vaidoso Braz, já mais socegado, acercou-se de um reverbero e, rasgando o envelope, tirou de dentro uma pequenina folha de papel.

A escripta era elegante e bem lançada, evidenciando pela finura dos traços e pelo rasgado da letra um punho de mulher.

Dizia assim:

«O senhor Braz, antes de sér uma boa pessoa, é um marido ultra-excellente!

Menos solícito para com a honra do seu nome, anima a esposa com a grata promessa de só recolher a deshoras, e sahe pela porta fóra sem mais cuidados. Succede porém que, enquanto o senhor Braz se dispõe a entrar no salão da Trindade, a virtuosa D. Nathalia corre muito socegradamente o ferrolho da cancella e introduz em casa um marmenjo, que o mesmo senhor Braz não tem, provavelmente, a honra de conhecer! O que elles dizem e o que elles fazem no doce remanso da alcôva conjugal, fica por agora em segredo. No entretanto, o senhor Braz poderá melhor relacionar-se com a sua nocturna visita, dando uma saltada á casa da sua residencia onde n'este momento se estão passando cousas extraordinarias!

E' um conselho de amigo.»

Ao terminar a leitura d'aquelle papel ignominioso, leitura entrecortada de sobresaltos e intercadencias, Braz deixou cahir o braço e ficou como uma estatua. Durante alguns minutos a sua alma como que se amodorrara n'uma apathia profunda.

Logo porém que o entorpecimento desapareceu e as faculdades aturdidas voltaram ao seu exercicio, teve uma explosão de raiva e relanceou o olhar turvo em volta de si, floreteando o formidavel bambú.

Considerava-se victima de uma mystificação de mau gosto e procurava o vil mensageiro, áquelle biltre encapotado em cujo lombo queria desafogar a ira.

O homem porém tinha muito amor ás costellas, e já sabemos que se fizera prudentemente ao largo.

—Canalhas!... Infames!... dizia o ex-merceeiro de si para si. Diffamarem por esta forma a mulher mais virtuosa que o céu cobre!... Oh, mas eu saberei encontrar os calumniadores!... Heide espatifal-os!...

E n'aquelle hercules convulso, fremente de indignação, punhos cerrados, bocca contrahida e olhar coruscante, difficilmente se reconheceria o pacato *viveur*, em cujo largo rosto boiava a jovialidade leviana do bom Rabelais!

(Conclue no proximo numero).

EDUARDO CID

AS NOSSAS GRAVURAS

THEATRO DE S. CARLOS

O theatro de S. Carlos de Lisboa é, pelas suas dimensões e pela sua fabrica, um dos melhores theatros lyricos de segunda ordem que ha na Europa.

Para a sua construcção constituiu-se, nos fins do seculo passado, uma companhia de negociantes opulentos, composta do barão de Quintella, Anselmo José da Cruz Sobral, Bandeira, Machado e outros.

O edificio, para que deu o risco o architecto José da Costa e Silva, começou a ser construido em outubro de 1792 e foi concluido em seis mezes, debaixo da inspecção de Sebastião Antonio da Cruz Sobral.

A recita de inauguração realisou-se a 29 de abril de 1793, para festejar o nascimento da princeza da Beira, D. Maria Theresza de Bourbon e Bragança, filha d'el-rei o sr. D. João VI e então herdeira presumptiva do throno. Para essa representação porém foi necessario armar-se um tecto provisorio.

O edificio apresenta, na fachada que a nossa estampa representa, e que deita para o largo de S. Carlos, tres pavimentos.

No primeiro é o salão da entrada, que tem cerca de 20 metros de comprimento, e 13 de largura. Dá serventia ás plateas, corredores das frisas e escadas das outras ordens de camarotes.

As tres portas do frontespicio, que o são tambem do salão, ficam protegidas por um corpo saliente, que forma uma passagem coberta, sustentada por tres arcos em frente das portas e dois lateraes, e defendida por cancellas de ferro.

O pavimento do salão é de cantos de marmore, disposto em xadrez branco e azulado.

A um lado está a casa da venda dos bilhetes, e no opposto o botequim.

O segundo pavimento consta de outro salão, que foi destinado



INIMIGO À VISTA

para concertos de musica, e que, por tres janellas rasgadas, dá communicacão para a varanda, guarnecida de balaustrada, que fica por cima do corpo saliente da entrada.

Aformoseam este corpo central quatro columnas de ordem dorica, que sustentam uma cornija geral, e tres apainelados por cima das janellas.

O terceiro pavimento altea-se tão sómente sobre o corpo do centro. Remata em segunda cimalha coroada por dois grandes vasos de mármore nos extremos, e ao meio pelo escudo das armas portuguezas. Tem um relógio.

A sala do espectáculo é de forma elpítica. A platéa é disposta em declive, e por tal forma que o centro é um perfeito ponto optico, e os espectadores gosam, e de qualquer lado, todas as vistas.

Contém frisas, tres ordens de camarotes e torrinhãs, em numero de doze compartimentos de cada lado, ao todo cento e vinte.

A tribuna real, em frente do tablado, occupa a altura da primeira, segunda e terceira ordens de camarotes. Por cima ficam as varandas.

A platéa admite seis centas e quarenta pessoas.

O arco do proscenio repousa sobre columnas de ordem composita, em cujos vãos estão assentes duas estatuas allegoricas.

A sala é hoje illuminada a luz electrica.

O salão do segundo pavimento é proprio para concertos musicas, e teem-se dado n'elle muitos.

Houve tempo em que esse salão, em noites de espectaculos, era franqueado ao publico, como acontece nos outros, mas ultimamente as empresas teem-o deixado vedado.

MARIA EUGENIA DOS SANTOS

O leitor tem em sua frente o retrato fiel da mulher que mais tem dado que fallar nos ultimos annos, no meio da vida tranquilla e pacata da sociedade portugueza. Apesar do que disseram varias testemunhas no ruidoso processo julgado ha dias, não sabemos ainda se é a cúmplice, se é a victima do casamento simulado por Pedro Soriano na capella improvisada no Rocio, no palacio do seu improvisado amigo barão. Em todo o caso é ella, cúmplice ou victima; é ella, com toda a formosura tentadora, que bem podia arrastar, pelo inicio de uma comedia, ao final tragico de um drama. É uma formosa, é uma bonita, é uma privilegiada da natureza; e é em volta de mulheres assim mimosas, que sempre se escreveram os romances, os poemas, as farças e as tragedias.

A justiça chamou-lhe innocente, fazendo recair todo o odio sobre Pedro Soriano. Em nós, ainda existem algumas duvidas ácerca d'essa innocencia, não deixando todavia de confessar que Maria Eugenia tem feições e linhas correctas para figurar de Fornarina em um quadro de Raphael.

ARKHANGEL

Arkhangel é uma cidade russa, sobre o Duina, a 60 kilometros do mar Branco. O seu porto, que foi por muito tempo o unico da Russia, e que apenas é abordavel durante tres mezes, é o principal deposito do commercio entre a Siberia e a Europa.

A exportação d'Arkhangel consiste especialmente em madeiras de construcção, linho, ferro, sebo e estopa.

Esta cidade é séde d'um departamento da marinha russa, que ali tem uma escola de navegacão.

Os habitantes d'Arkhangel dedicam-se á pesca dos morsos no Spitzberg e na Nova-Zembla, e á dos arenques no mar Branco.

A sua população é de 20:000 habitantes.

INIMIGO Á VISTA

Reioçavam despreocupadamente, pelo campo, aquelles tres pintainhos retratados na nossa estampa. Iam todos tres estrada fóra, alegres e felizes, na doce serenidade da innocencia, debicando aqui e acolá algum vermesinho da terra que se lhes deparrava. Vae senão quando, surge-lhes do flanco esquerdo um inimigo terrivel, representado n'aquelle gafanhoto muito negro, a dar pequeninos saltos de tigre.

Imagine-se do terror panico das pobres avesitas, não affeitas a taes encontros!

Uma d'ellas, na fuga rapida, cahiu por terra de patas ao ar e biquinho aberto. A outra saltou-lhe para cima do peito offegante, e apenas a terceira, um pouco menos medrosa, é que volta a frente ao inimigo, conservando-se todavia a uma distancia respeitavel, em defensiva prudente.

Afinal, o inimigo está muito longe de ser tão feio como ellas o pintam. Tomára o pobre gafanhoto que o deixassem em paz seguir o seu caminho.

FRANCISCO DE FREITAS GAZUL

Se a falta de *pose*, a simplicidade excessiva de maneiras e uma requintada modestia, muito fóra dos costumes modernos, podessem significar pobreza de talento, Francisco de Freitas Gazul, o insigne artista e compositor de quem damos hoje o retrato, seria considerado aos olhos de toda a gente como a maior das vulgaridades, como a mais chata das insignificancias, que por ahí se acotovelam no nosso mundo artistico.

Nunca vimos, com effeito, quem denunciasse, na sua *gaulcherie* innata e na sua natural modestia levada ao cumulo, uma tão grande falta de aptidões.

Gazul é um envergonhado, cheio de infantilidades medrosas, uma creatura avessa, por indole e por temperamento, a tudo quanto seja ostentação, ruido, publicidade e reclamo.

Quando muitos outros,—uns imbecis as mais das vezes,—procuram insistentemente o meio de se tornar conhecidos e fallados, Freitas Gazul esconde-se, eclipsa-se, pede á chronica, de mãos postas, que não escreva o seu nome laureado; supplica, á imprensa que emmudeça, quando haja a tratar da sua individualidade notabilissima; chega a confessar que é mentira o que dizem d'elle, que não tem a mais pequenina parcella de talento, que faz o que os outros fazem na arte, sem difficuldade, muito naturalmente, muito despretençosamente.

Apezar d'esta exaggerada despretenção, a despeito d'esta persistencia tenaz em não querer ser alvo de merecidos elogios, Gazul é um talento musical de primeira ordem, uma intelligencia superior provada em trabalhos de vulto, que a critica registra nos seus annos com menção honrosa.

Freitas Gazul fez exame do curso de rudimentos, no Conservatorio, em 1856. O moço artista revelou-se logo n'essa primeira prova, e alcançou, como galardão concedido ao seu talento, a medalha de ouro.

Em seguida, matriculou-se na aula de violoncello, recebendo as primeiras lições do professor João Jurdani, e, por morte d'este, do sempre chorado artista Guilherme Cossoul, com quem concluiu o curso. Conjuntamente com o estudo de violoncello, matriculou-se na aula de Harmonia, estudando contra-ponto e fuga, leccionado pelo professor Eugenio Ricardo Monteiro de Almeida. Em todos os exames que fez, conferiram-lhe sempre os juries o primeiro premio pecuniario; e, por occasião dos exercicios publicos, encarregou-o a direcção do Conservatorio, de accordo com o professor Monteiro de Almeida, de instrumentar os córos de Rossini, *Fé, esperanza e caridade*, que foram cantados pelas alumnas. Esta distincção é um eloquente testemunho do grande apreço em que, já n'aquella época, eram tidas as extraordinarias aptidões do laureado maestro.

Mas Freitas Gazul não se limitou, ainda como estudante da nossa Escola musical, a instrumentar brilhantemente os córos de Rossini; fez mais: durante o estudo de Melodia e instrumentação, escreveu uma *Abertura*, que foi executada pela orchestra de alumnos em uma das festas escolares d'aquelle estabelecimento.

Em 1859 convidaram-o para fazer parte da orchestra do theatro de S. Carlos, coincidindo este convite com a nomeação de Guilherme Cossoul para maestro ensaiador do mesmo theatro.

Em 1867 foi, com mais dois concorrentes, ao concurso aberto para o preenchimento da vaga de segundo violoncello, nas operas, e de primeiro nos bailados, ficando classificado em primeiro lugar.

Em 1875, mediante prévia licença da Associação musica 24 de Junho, abandonou o theatro de S. Carlos, por ter sido convidado pela empreza do theatro de S. João, do Porto, a ir ali dirigir algumas operas e ensaiar os córos, em substituição do ensaiador, maestro D. Antonio Reparaz, que se despedira d'aquella casa de espectáculo no meio da época lyrica.

Encarregado de tão importante missão, ensaiou as operas *Guilherme Tell*, *Baile de Mascaras*, *Linda de Chamounix*, *Barbeiro de Sevilha*, *Somnambula*, *Traviata* e *O'helo*; e, de tal modo se houve, que mereceu os mais entusiasticos elogios dos distinctos artistas, Hypolito Ribas, Nicolau Ribas, Marques Pinto, Luiz Gonzaga, Joaquim Casella, e de todos quantos faziam parte da orchestra do referido theatro.

Dedicando-se á composição, no decurso da sua gloriosa vida artistica, tem escripto:—oito missas solemnes, sendo duas d'ellas muito consideradas pelos seus collegas, uma a oito vozes, coros e grande orchestra, e outra no estylo emitativo e fugato. Tendo sido chamado, pela empreza Villar Coelho, para ensaiador e compositor de musica, no theatro da Rua dos Condes, escreveu as formosas coplas da comedia de Baptista Machado, a *Experiencia*, a operetta em 1 acto, *Kalakaua* 87, a operetta em 2 actos, *Um minuete*, e a magica em 3 actos, *Os sete castellos do Diabo*. Depois, escreveu, com outras empresas, no mesmo theatro, as operas comicas: *Loucuras de Rapaz*, em 3 actos, e *O 37 da 4.ª*, em 2 actos; e as magicas *Cebola mysteriosa*, *Cauda de Belzebuth* e *Satanaz Junior*, todas em 3 actos.

Coordenou a musica das parodias, *Elixir d'amor*, *Lucrecia Borgia*, *Norma* e *Traviata*, que se representaram no Gymnasio, e escreveu, tambem, para este theatro, a oratoria *Santa Quitéria*. Para o theatro do Principe Real, compoz Freitas Gazul, além da musica de varias revistas, a opera *Herança do Tambor*, e a oratoria, *A Conversão de S. Paulo*; para o de D. Maria, a musica dos dramas, *A Caridade*, os *Homens Feras* e os *Homens do Povo*; e para o theatro da Trindade, a muito applaudida musica da operetta em 3 actos, *A Noira*.

Escreveu, tambem, dois *Libera me*, sendo um d'elles para as exequias do distinctissimo e malogrado violinista, Victor Wagner, e outro para as do seu mestre Guilherme Cossoul, que, por occasião das exequias do bispo de Vizeu, foi cantada na igreja da Encarnação, merecendo os elogios dos insignes artistas Kachmann e David, que n'elle tomaram parte.

Actualmente, dirige Francisco de Freitas Gazul a orchestra do theatro da Trindade e ensaia a musica de todas as operas-comicas e operettas que ali se representam.

Francisco Palha chamou-o para exercer aquelle importante cargo, sabendo já de ante-mão que encontraria em Gazul um artista distincto e consciencioso, um trabalhador infatigavel, e um director d'orchestra competentissimo.

Os factos demonstram claramente que a direcção musical do sympathico artista, no theatro da Trindade, tem sido das mais habéis e das mais proficuas. A orchestra melhorou a olhos vistos com o seu excellento methodo de ensaiar e de reger, e as operettas por elle ensaiadas teem todas um relevo encantador, que nem sempre tiveram.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADA EM VERSO

A Manoel Pires

Supremo governador—1
D'este meu lindo paiz,—2
Ou decifras a charada,
Ou te salto p'ro nariz.

Bem sei. Precisas conceito
—Pois ahi vae, meu ratão—
Foi de tremer o pagode,
Oh que grande *Reinação!*

Logogripho

A Antonio Rodrigues Brancal

Retribuição

Até que emfim: eis o dia
Em que te faço um presente.
Ora adivinha, és capaz?
Não és, bem sei, meu rapaz,
Mas has de ficar contente.

Toma lá, eis o bichano—2, 6
Que tenho p'ra t'offertar,
Tem azas fortes de griffo,
E chama-se um logogripho,
Não o procures matar.

Que pelle tão linda, não é?
Não achas bella esta côr?—1, 2, 3, 4, 5, 3.
Comparo-a á d'um mineral,—5, 6, 7
Que eu achei no meu quintal,
N uma tarde de calor.

Que dizes á minha offerta?
Gostaste do meu bichano?
Pois o nome é bem ratão,
E fica sabendo então
Que até o julguei teu mano!

C. Branco

R. DE MIRANDA.

Problema

Deitando n'um reservatorio 20 litros d'agua em cada 3 minutos, faltam no fim d'um certo tempo 40 litros para se encher; e deitando 52 litros em cada 5 minutos, trasbordam no fim do mesmo tempo 72 litros. Pergunta-se quantos litros pôde conter o reservatorio; e quantos por minuto seria necessario deitar-lhe, para que elle se enchesse em qualquer d'aquelles tempos?

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Sapato—Carapau—Espada—Cigarra—Petalas—Papafigo—Arma.

AS CHARADAS EM VERSO:—Nomeada—Pata.

DO LOGOGRIPHO:—Pipi.

DA CHARADA CONIMBRICENSE:—Ca bo
ne
co ta

DO PROBLEMA DO N.º 33:—A mãe, nas 6 horas, bordou a terça parte do que bordou a filha; a mãe, trabalhando só, leva portanto 18 horas e a filha 9.

A RIR

Um sujeito tinha um irmão padre.

Perguntaram-lhe um dia:

—Que faz seu irmão?

—Meu irmão, respondeu elle, é padre.

—Tem algum beneficio?

—Não.

—Então em que se occupa?

—De manhã diz missa.

—E de tarde?

—De tarde não sabe o que diz.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA LIMPAR O MARMORE E A PORCELANA

Prepara-se um banho composto de acido nitrico (agua forte) 10 grammas; agua, 500 grammas.

Mergulham-se os objectos n'este banho, e depois seccam-se ao abrigo da poeira.

NO MAR

Ia o patacho Sousa repleto d'emigrantes. Largara havia um mez as plagas açorianas, em demanda das terras de Santa Cruz. Ficara pairando bons 8 dias nas aguas do archipelago, com o fim de metter a bordo passageiros clandestinos, na sua maioria mancos fugidos ao recrutamento.

Na saída do porto de Ponta Delgada, a visita da saude viu e examinou tudo com satisfação e credulidade. Os depositos de viveres eram abundantissimos e o capitão cumpria religiosamente a lei, não admittindo mais de 72 passageiros, quanto comportava a lotação do navio. Magnifico! Nunca se vira tamanho respeito pela legislação. O delegado de saude, um respeitavel *gentleman* de abdomen saliente, estava radiante:

Mas apenas o navio perdeu de vista a terra, poz-se de capa, e ao crepusculo tratou de navegar a todo o panno em direcção a certos pontos da costa d'antemão designados, e ali embarcou despejadamente familias inteiras.

Esta habil operação repetiu-se em differentes ilhas. O navio, assim carregadinho com mais 500 pessoas, a meio preço, como os accionistas dos Recreios, e munido da carta de saude do primeiro porto, o unico onde elle entrara e saíra ostensiva e legalmente, aprou então para o Brazil.

O capitão, longe de exclamar como o marquez de Pombal: *Não cabe cá tanta gente*, tratou de repetir todos os dias, á vista do cosinheiro maravilhado, o milagre de Christo—a multiplicação dos 5 pães e dos 5 peixes.

O espectáculo que offercia a segunda coberta do navio, era na verdade pittoresco. De popa á proa, corriam 4 coxias separando 3 ordens de tarimbas sobrepostas, desde o chão até ao tecto, na distancia de 60 centímetros uma das outras. Divisões feitas com madeira, collocavam os passageiros independentes uns dos outros. Nas extremidades de cada divisão, dando para as coxias, havia cortinas de chita.

Os homens estavam separados das mulheres, mas de dia todos se juntavam em ranchos no tombadilho, outros ficavam sob a coberta, uns e outros lamentando-se, contando historias, planejando modos de vida, desdobrando projectos, fazendo promessas a santos, jogando as cartas e as fôrmas (botões de ceroula) ou cantando e tocando viola, no que são exímios os açorianos.

A alegria e a vida da mocidade, animavam este quadro triste da emigração, tão antigo no assumpto e só differente dos tempos idos, por haver hoje mais miseria e mais egoismo. Já não é o patriarcha que vae á frente da tribu, conduzindo as familias e os gados, amoravelmente, sem interesse de especie nenhuma, a não ser o da solidariedade; é o especulador audaz que fornece um na-

vio aos seus irmãos por bom dinheiro para os matar á fome, sem se importar com a saúde ou o destino d'elles, e abandonando-os brutalmente como uma mercadoria sobre os caes do Novo mundo.

* * *

Seguia viagem a bordo uma pobre familia, composta unicamente de mãe e filha. Era uma costureira, cujo marido fugira em tempo para o Rio de Janeiro. A pobre mulher esgotara as forças na lucta contra as dificuldades da vida e achava-se em grau adiantado de tísica, quando recebeu carta do marido, declarando-lhe que se achava doente e que desejava antes de morrer abraçar a mulher e a filha. E accrescentava que tinha conseguido, a custa de muitos sacrificios, reunir alguns vintens, que facilmente desapareceriam se elle morresse antes d'ellas lá chegarem.

Por isso, deram-se pressa, mãe e filha, em embarcar. Ella por si pouco se importava já com o futuro, porque estava condemnada pela medicina; mas a pequena de 15 annos, já uma mulher, era outro caso, e valia bem a pena fazer um sacrificio por ella. Era tão formosa!

Iam-se os olhos da mãe n'um enlevo d'alma ao contemplar a Rosinha, flor em botão, orvalhada pela caricia materna.

—E d'ahi, pode ser que lhe appareça um brasileiro rico que a pretenda, prognosticava o mulherio da vizinhança.

—Nada, mexa-se, mexa-se quanto antes. E' um *sacrafiço* que vocemecê faz e que pode vir a dar n'um futuro *venteroso* para a pequena.

E a mãe foi, coitadinha, porque a dedicação das mães não conhece limites, e a palavra impossivel não se encontrou ainda no dictionario materno.

A bordo, a pequena, pelo seu ar sympathico, foi o enlevo de todos e a paixão de muito rapaz imberbe. Era gentil e mimosa como uma camelia. Os seus grandes olhos azues, espelhados de uma infinita doçura, sorriam constantemente. O nariz regularissimo, alvo, tinha um tom patricio. A bocca um pouco rasgada, beiços delgados, expressão gaiata, contrastando singularmente com o pudor dos olhos. Corpinho franzino. O cabello castanho escuro. A epid-rme fina e rosea, ao contrario da mãe, que era cõr de cera.

Não mandara o marido da costureira grandes quantias para regalias a bordo, e quando as mandasse não teriam servido de nada, porque, camarim, só havia um, o do capitão. Todos os passageiros tinham de se sujeitar ao viver commum e á fome geral.

A meia viagem, já não havia batatas para o bacalhau, e os passageiros disputavam as cascas das que o cosinheiro descascava para a mesa do capitão. Nas enormes gamellas de caldo, servindo cada uma a 10 pessoas, não se lorigava um feijão.

Os murmurios eram formidaveis e os epithetos de ladrão, canalha, patif, n-greiro, etc., assobiavam por entre as enxarcias. Mas o capitão, como verdadeiro lobo do mar, deixava rugir a tempestade, encolhendo os hombros e sacudindo d'encontro á amurada a caldeira do seu gigantesco cachimbo hollandez.

A vida a bordo tornara-se insupportavel com o calor e com a fome, sem medico, sem botica e, o que era mais serio para gente ignorante, sem um padre para confessar os que morressem. Appareceu então essa horrivel molestia de bordo, o escorbuto.

A costureira foi atacada, e a sua constituição delicada não pôde resistir. Antes de morrer, porém, com o seu poderoso instincto de mãe, adivinhara n'um bello rapaz de 20 annos um protector fanatico e desinteressado da filha. E não se enganara.

O João canteiro era o que se chama em familia «um bom rapaz.» Formoso e robusto, na sua pelle corada corria o sangue puro, e nos seus olhos vivos e rasgados brilhava a intelligencia natural e uma alma sã. Já só. Mais de uma vez assegurara á costureira que sentia por ella e pela filha uma immensa amizade porque lhe lembravam a mãe e as irmãs que tivera que abandonar a fim de seguir a sua sorte.

E promettia não desamparal-as no desembarque até as ver nos braços do marido e pae.

Estabelecera-se rapidamente a intimidade entre os tres, e o João, a troco d'alguns cobres e humilhações, conseguira do cosi-

nheiro um caldinho diario do gallinha para a doente. Quando appareceu o escorbuto na pobre mulher, elle cuidou endoidecer.

A costureira, que principiava a ser mal vista pelos outros passageiros, quasi todos camponeos e trabalhadores invejosos e mal humorados, que lhe chamavam já ironicamente: *a senhora*, só pelo facto dos caldos, quando se sentiu ameaçada pela morte, chamou serenamente o João e disse-lhe:

—Sr. João. Acabou-se tudo. Já não chego ao Rio.

—Ora, deixe-se d'isso!

—Não, isto é serio, e preciso fazer as minhas disposições. Quero confiar-lhe a minha filha...

O João, ouvindo isto, tornou-se vermelho como uma lagosta e baixou os olhos como uma donzella.

Então a tísica, na sua voz sumida, disse-lhe, fixando-o muito:

—Não se admire d'este legado... Conheço o sentimento que tem dentro do coração a respeito de minha filha. E é por isso mesmo e por conhecer a sua honradez e boa alma que me atrevo a confiar-lh'a. O seu amor ha de vigial-a melhor do que as pessoas mais dedicadas a quem eu a confiasse, quando aqui tivesse taes pessoas.

—Juro-lhe que hei de respeitar a sua filha e entregal-a a seu pae, respondeu o rapaz, commovido.

Em seguida a costureira chamou a Rosa e disse-lhe que, prevenido o caso de morrer a bordo, a entregara já aos cuidados do João, a quem ella devia obedecer em tudo o que fosse digno.

Seguiu-se uma scena de lagrimas entre os tres, que já se estimavam, como só se estima na adversidade.

A morte avisinhava-se rapidamente e diante d'ella todos os despeitos dos outros passageiros se apagaram.

Chegou o momento solemne da morte, e a costureira, diante de toda a gente, tomou n'um ultimo esforço a mão do João e a da filha e juntou-as na sua, abençoando-os. E expirou com essa medonha placidez dos tísicos.

Participado o caso ao capitão, mandou este immediatamente remover o corpo para um deposito improvisado no porão. No dia seguinte foi arremessado ás ondas, depois de lhe serem resadas algumas orações pelos circumstantes.

Toda aquella gente que se tinha indignado com o caldo de gallinha dado á pobre enferma, só pelo facto de outras enfermas não o terem, sentiu-se condoida da orfã, e varias mulheres tomaram-n'a sob a sua protecção.

Principiou um idyllio sereno e casto entre o canteiro e a filha da costureira. Almas singellas, estavam ambos convencidos de que era para elles um dever sagrado unirem-se matrimonialmente, depois da significativa junção e benção da costureira no acto

de morrer. E olhavam um para o outro com essa curiosidade de quem se encontra de repente n'uma situação para chegar á qual julgava ter de galgar grandes obstaculos. Cada dia descobriam-se mutuamente em longo colloquio uma parte do coração. Quando o patacho *Sousa* chegou ao Rio, amavam-se deveras.

O João cumpriu a sua palavra e acompanhou a Rosa, que foi para terra até á casa do pae, conjunctamente com as mulheres que a protegiam.

O marido da costureira estava realmente enfermo, e commovido com a conducta do João, não o deixou sair de casa. Como homem experiente, cedo percebeu que os dois jovens se amavam e tratou de os casar, morrendo discretamente pouco tempo depois e deixando o João á testa do seu estabelecimento de seccos e molhados.

O rapaz, tendo achado aberta a estrada da fortuna ao desembarcar no Rio, ganhou, em pouco tempo, tanta confiança em si que se abalançou temerariamente a grandes empresas, enriquecendo espantosamente.

Hoje conta sessenta e tantos annos d'idade, e tendo trespassado a sua casa e comprado o titulo de visconde, voltou para a Europa e fixou a sua residencia em Lisboa, constitnindo um dos mais respeitaveis ornamentos do grupo denominado—os brasileiros.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



FRANCISCO DE FREITAS GAZUL